



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7019 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

Isto pode ser uma escola - rabiscos

Maria Inez da Silva de Souza Carvalho - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Elisio José da Silva Filho - UFBA - Universidade Federal da Bahia

## ISTO PODE SER UMA ESCOLA - RABISCOS

Xxxx XXXXXXXXX[1]

XXXXXX XXXX xx XXXXX XXXXX[2]

A contingência deu uma sacudida nos planos. E no caminho das rotinas alteradas a pesquisa também sofreu essa intervenção. Assim, este texto, que é o produto dos estudos investigativos realizados pelo Grupo de Pesquisa XXXXXXXX xx XXXXXXXXX xx XXXXXXXXXXXX – XXX – do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, aponta para uma das inquietações que entraram em curso: a emergência do tema Escola e Pandemia não poderia ser desprezada. Metodologicamente, nas reuniões semanais do Grupo, discutia-se, através de relatos de experiência e de leitura de material bibliográfico científico, algum tema escolar emergente do contexto pandêmico. O conteúdo destas discussões foi sistematizado por dois pesquisadores do grupo, os autores deste artigo. Compreendemos esse descortinar como estudo e informação na pesquisa. Afinal todo o acontecer material, imaterial, virtual e comportamental está emergindo.

*XXX em Movimento.*

Foi esse título que abriu um vídeo produzido por muitas mãos e cabeças para a participação do Grupo de Pesquisa XXXXXXXX xx XXXXXXXXX xx XXXXXXXXXXXX, o XXX para o Congresso Virtual da UFBA em maio deste ano. Movimento é uma palavra cara a este Grupo que pensa formação de professores, currículo e espaços escolares nos seus exercícios e existências cotidianos, vistos de perto, teorizando enquanto acontecem. Estamos sempre e em constante movimento. A pandemia deu as caras na UFBA na segunda semana de atividades letivas, nem deu para esquentar a cadeira nas aulas que haviam começado dia 02 de março, e já no 12 tivemos o último encontro presencial antes da suspensão completa das atividades no Campus da FACED, mas, como movimento é tônica do Grupo, na quinta-feira seguinte, no mesmo *bat-horário* (sic), mas num novo *bat-canal* (sic), estávamos lá, reunidos e nos apertando numa tela. Resolvemos, também, batizar cada encontro com nome/título e

entre aniversários, nascimentos ou despedidas, nossas discussões sobre formação de professores, currículo, escola e nós mesmos nestes pensamentos, espaços e tempos permaneceram fluindo. Numa das discussões pelo grupo do *whatsapp* – aliás, já praticávamos este tipo de reunião paralela há um bom tempo – fomos sacudidos por um meme instigante que reverberou pelo País como uma reação e certa resistência imediata à possibilidade das aulas online. A partir daí nossas discussões geraram este breve ensaio, ou rabiscos, que mexem com arte, com compreensões de imagens e interpretações de escola nas formas *fepeanas* de (re)existir neste período.

Tá sendo fácil pra você? Resposta previsível, né? Cadê nossa vida? Cadê nossa escola?

Mais do que nunca a compreensão dos sentidos da complexa indecidibilidade fica mais fácil. De fato, não há a resposta correta, temos decisões, nada mais que decisões. E este texto tem a intenção de ser uma conversa argumentativa sobre decisões/posições sobre a Escola em tempos pandêmicos. Não é atoa que começamos com o alerta que não há respostas certas, o que não deve ser impeditivo de uma boa discussão que sempre é tentativa de interpretações *outras*, permitidas no desalinhamento das redes ora trançadas em seus âmbitos filosóficos, pedagógicos, sociais, indentificacionais, econômicos, ideológicos, tecnológicos, existenciais, e porque não, “caseiros”?

Estes rabiscos, que tem como mote a viralização do meme que alerta que notebook não é uma escola, tem 2 movimentos: o primeiro, movimento Xxxxxx – uma conversa sobre as interpretações/motivações possíveis para o meme e suas fragilidades ou não, inclusive com a invenção de uma variação do meme, trocando escola por banco; o segundo, o movimento Xxxx – uma conversa pretensamente radical de uma auto-denominada niilista ativa. Talvez aí esteja uma das explicações para que com uma certa tranquilidade, se imaginasse que sempre tudo é sem controle e com muitos riscos, não dá pra pedir a proteção da Nossa Senhora da Intencionalidade.

Figura 1 – A traição das imagens, René Magritte, 1929.



Fonte: Museu do Condado de Los Angeles. Divulgação.

## MOVIMENTO 1

A rotina quebrada não parece alterar os grupos de WhatsApp, mas, sem dúvida, os intensificou. Entre tantas coisas enviadas e recebidas, uma boa parte delas acaba por se repetir, principalmente, se participamos de muitos grupos de professores. A atenção despertada por um meme circulado algumas semanas após a compulsória parada nas atividades acadêmicas presenciais imposta pela pandemia colocou em questão o lugar e

função da escola. A frase bradada pelo meme remetendo a uma das obras surrealistas mais icônicas do século XX faz uma afirmação, à primeira vista contundente com a imagem de um notebook, “isto não é uma escola”. A obra é *A traição das imagens*, de 1929, do pintor belga René Magritte, e o que se pode dizer, de imediato, é que a sua apresentação quebrou a rotina. Mesmo para os modernistas a obra suscitou comentários diversos, pôs em questão a presença da imagem como representação e o profundo incômodo pela incapacidade de explicá-la nos moldes mais tradicionais. Mais tarde, em 1966, Magritte retornaria ao tema expondo mais uma vez, não apenas um, mas dois cachimbos alterando mais uma vez a rotina em *Os dois mistérios*.

Mas por hora vamos nos concentrar somente na primeira obra e num fato não muito comum nas obras de arte que era a junção imagem e palavra, aliás palavra escrita que Foucault (1988) descreve como artificial, e nesta traição me recorde de uma fala ou escrito (que agora a memória me trai) de Gustavo Bernardo, da UERJ, sobre a ironia presente na obra de Magritte afirmando que se a palavra não estivesse na pintura ninguém questionaria a presença do cachimbo. Decididamente o cachimbo está lá, pintado, mas não o é. A traição das imagens não é apenas sobre a imagem pictórica do cachimbo, — Numa campanha publicitária sobre a venda do cachimbo, por exemplo, ninguém questionaria — a questão aqui é estética, é a existência de um pensamento e não de um produto. Quando Magritte afirma que *isto não é um cachimbo*, ele não fala apenas da sua obra, mas de toda a obra a arte ao longo da história. **Toda obra de arte é a ausência do produto, para trazer a presença de um pensamento e tudo o que se pode discutir a partir dessa forma de existir.**

Figura 2 – Isto não é uma escola.



Fonte: compartilhamento pelo WhatsApp.

Isto não é um cachimbo, aquilo não é uma escola, isso não é um banco... e poderíamos ampliar a lista das coisas que não são, para trazer à tona a fragilidade da leitura estética a que estamos sujeitos, ou mesmo quando somos pegos desprevenidos num trocadilho maldoso que não desconfiamos à primeira vista, como escolher, numa loja, uma camiseta branca que tem uma frase legal: *isso não é uma camiseta branca*. Só que não... Isso sim, é uma camiseta branca. A estética frágil está em não compreender as intenções de Magritte quando põe em jogo o material e o imaterial. E o observador, equivocadamente, numa condução simplista, toma uma imagem/objeto e inscreve em rodapé contrariando aquilo que ela em si mesmo pode ser. E ainda que o notebook, como modelagem físico-constitutiva possa não ser uma escola, por não ter portões, carteiras escolares, quadros e uma famigerada sirene, pode ser em si uma escola. Não discutiríamos a questão se a frase trouxesse um: *isto não é um escritório*, ou ainda *isto não é uma empresa*. Por que o notebook pode ser esta parcela das coisas e não outras? Prefiro pensar como disse Foucault (1988) sobre a obra de

Magritte, digo do meme com o notebook: “deve ser um mal-entendido”.

Figura 3 – Isto não é um banco.



Fonte: Acervo FEP, meme de Elísio Silva para este texto (2020).

*Isto não é uma explicação.* Aliás, bem longe de tentar fazê-lo, explicar ou interpretar são duas situações que já não estão na pauta das discussões artísticas, ou, pelo menos, assim espero. Há uma certa obviedade da obra de Magritte, afinal, ele próprio nos informa duas vezes sobre o que acontece, primeiro por informar, imediatamente, que não é um cachimbo e em segundo pelo próprio título da obra — questão ainda bem didática, que o próprio movimento modernista aboliria em seguida quando as obras começam a perder seus títulos —, mas talvez, ironicamente, Magritte quisesse fazer esta brincadeira em não ser uma obra sem título. Foucault descreve a obra como “tão simples quanto a página de um manual de botânica”: uma figura e o texto que a nomeia. Nada mais fácil de reconhecer do que um cachimbo desenhado como aquele”, e continua afirmando não existir estranheza nem contradição entre a imagem e o texto. Aproveito essa deixa para uma questão: o que trouxe tanta estranheza à possibilidade de que o notebook venha a ser uma escola e que, curiosamente, não a converte numa EaD?

Figura 4 – O mal-entendido de Xxxx.



Fonte: Acervo XXX, fotografia Xxxx Xxxxxxxx.

Se estivéssemos falando somente de pintura caberia dizer que a arte em sendo uma

representação do real ou de uma realidade já é uma traição. O pictural não é real, mas sim uma idealização materializada. No período clássico essa representação era composta de cânones como, por exemplo, a representação do real sustentada por algum ideal de beleza, como o domínio técnico da imitação da natureza, mas carregada da representação idealizada. Ainda que fosse um cachimbo, a aparição dele na tela do artista seria tão somente a representação materializada de um cachimbo carregada de idealização. Seria aceitável a afirmação da imagem do notebook não ser uma escola por se tratar, como imagem, de uma idealização, contudo, na prática, o aparelho não é de uso exclusivo da EaD. Não se trata de uma oposição real e idealizado, o cachimbo idealizado é uma realidade materializada numa obra de arte, a escola feita através do notebook também é, e não é nada virtual.

## MOVIMENTO 2

Este movimento é um catado de pensamentos insones, mesmo ou apesar, das rotinas quebradas, de tudo alterado eles continuam potentes. Assim como a Escola?

Começo com uma postagem de uma jornalista brasileira moradora em Roma em que tem este trecho: “*Nos grupos onde sou estrangeira ... fala-se (reclama-se) das tarefas escolares, do sistema de teleaula que ainda dá pau*”. Durante a leitura, quando atingi este trecho, pegou fundo: quer dizer que não é só com a gente? Pensando bem, e repetindo como mantra: rotinas foram quebradas e tudo alterado, como não as da escola?

Bendita Teoria do Caos e suas primas consanguíneas ou de consideração que nos põem em contato direto com as ideias de provisoriedade, não essencialismo, não finalismos. Porém, as nossas falas pandêmicas escolares estão, de uma maneira geral, longe disso. Mesmo neste cenário tão atípico, queremos controle. E para controlar precisamos resistir, resistir na acepção de *conservar*: conservar os chamados conteúdos, conservar as formatações, conservar as territorialidades, e se não é possível, que não tenhamos escola durante este tempo. Afinal a escola é sagrada!!! Adendo: nada é simples, e elejo 2 fatores como os principais deste cenário ser ainda mais complicado. Um externo: como lidar com nossos desejos pedagógicos em uma sociedade com tanta injustiça social? O que impõe um dilema: reconhecer fragilidades e deixar pra depois ou desconsiderar as nossas injustiças e continuar com nossos desejos pedagógicos? Qual deslocamento é possível? Muita angústia, sem dúvida. Outro endógeno: não estaríamos anacronizados em nossas invenções de cenários escolares? Ainda faz sentido uma discussão sobre a virtualidade como externalidade, algo além do real? Algo que nos impacta como um asteroide caído do céu?

Entre os pensamentos insones, estive João Carlos, reitor da UFBA, que em seu comunicado à Universidade, avisa: não estamos de férias, não estamos em greve. Um texto como é de seu perfil elegante (tomem isto como um tremendo elogio). Só senti falta da palavra *experimental*. Não seria o momento de conteúdos outros, formatações outras, territorialidades outras? Não estaríamos nos contentando em resistir ao outro não desejável? Considerado sempre o inimigo, externo? Acontece que compulsoriamente haverá uma reconfiguração dos cenários, mesmo o que se mantiver será outro, os cenários escolares inclusos. Há possibilidades postas, potências em jogo. Não dá a impressão que estávamos entregando de bandeja este jogo? Conversemos:

Como embasamento de tudo, continuamos, em pleno século XXI, a opor realidade e virtual. O virtual não é uma realidade? Será que a discussão ainda é esta?

Homeschooling – O princípio do homeschooling ou Educação Domiciliar não é desterritorializar a escola, trazê-la pra dentro de casa (isto já aconteceu lá no finalzinho da

Idade Média com a massificação da divulgação dos livros. #contemuitaironia). O homeschooling quer tirar as crianças da Escola, pois criança ir pra escola significa “cair no mundo”. As crianças longe da escola estariam longe das perversões mundanas. O Coronavírus está nos impelindo a levar a escola pra dentro de casa. Estamos levando a escola pras casas, em uma prova que não adianta esconder as crianças do mundo, o mundo vem até elas. O jogo não pode ser este? Fazer visível está desconstrução do homeschooling, em vez de ficar com medo de levar a escola para as casas para que não se aproveite a ocasião para liberar a homeschooling (aqui não há ingenuidade de achar que isto não pode ser aproveitado, por isso mesmo temos entrar no jogo e não apenas resistir conservadoramente);

Vamos nos tornar um imenso EaD? Primeiro, EaD é uma modalidade de ensino. O aluno ler um livro em casa não torna o segundo ano do Ensino Fundamental um curso EAD. É bom lembrar que sempre (qualquer tempo, qualquer espaço) as sociedades se constituem com um determinado nível tecnológico. Alerta: o termo usado foi *se constituem* e não se adaptam. De fato, em vista ao nosso nível tecnológico, temos uma presença repleta de materialidades (um baba na rua) e virtualidades (futebol no playstation). A escola está emaranhada nisto/disto, mas o que parece que ficou claro com o isolamento (será mesmo social?) é que na escola, generalizando, a intencionalidade ainda é de materialidades. Isto tornou tudo muito mais difícil do que já seria mesmo, de qualquer jeito (não temos o controle). E a nossa resposta foi: os outros querem nos explorar, devemos lembrar dos pobres, os pais não são professores, pelo nosso exemplo vai se espriar cursos e cursos de EaD dos mais *pega níquéis* (alguém ainda conhece esta expressão?) possíveis. E olha! Isto tudo não é teoria da conspiração, é uma verdade que dilacera corações, mas acontece que isto não é tudo.

O mundo nos deu uma oportunidade ímpar pra experimentar. Infelizmente, o que se vê são mais uma vez fortes verticalidades. Os professores universitários estão aí exercendo forte presença virtual (lives, plataforma de encontros, etc) e muitas vezes, pra fazer preleções aos professores do Ensino Básicos que eles não podem cair nesta de aula virtual. (isto sem comentar a contradição desonesta que é negar para a universidade e continuar fazendo).

A posição aqui é: não dá pra fazer de conta que nada está acontecendo e achar que a escola deve continuar com a “ajuda” do virtual (afinal dá pra aproveitar alguma coisa deste mundo frio e desumano das máquinas. #contemironia). Os pensamentos insones indicam que muita pouca gente tá nesta. Como também não dá para achar que estamos em um momento de exceção e devemos, em termos de escola, esperar tudo passar, para voltarmos a *nossa escolinha risonha e franca*. Não esqueçamos nunca, que encarar a indecidibilidade nos traz dilemas e quantos!!!

Então vamos lá: será que não estamos, compreensivamente, atribuindo algumas permanências a este momento? Por exemplo, será que nossas reclamações de muita atribulação não são permanências? Não temos isto sem ou com isolamento físico? Não estaria na hora de denúncias e novas proposições e não de se fechar pra se abrir quando o novo mundo voltar?

Nossa colega Isis<sup>[3]</sup> nos lembra que ainda vemos os textos (amplamente todos eles) como encerrados. Que tal assim como o verso de amor de Vinicius: *que sejam encerrados enquanto não forem abertos*

Então, pra finalizar, vamos pensar em aberturas?

Faz alguns dias, que nestes tempos se encarregam de parecer antigamente, nosso colega Antrifo Sanches (2020) mandou lindo vídeo, fazendo uma performance em sua varanda. Pensamos ser por diletantismo, mas não é. É um “quase projeto” (quase porque não está nas normas, será que conseguiremos, desta vez, quebrá-las?) em que seus/suas colegas de

dança também performatizarão.

Imaginaram, estas varandas substituídas pelas lajes? Não é impossível! A potência das comunidades é incrível. Isto pode ser conteúdo escolar, isto pode reformatar a escola, isto é currículo. E em plano mais cotidiano, livrará os meninxs de perderem o período de férias com pseudo-reposições burocráticas. Impossível que este período não tenha gerado nenhum importante aprendizado. Afinal, só temos conteúdo depois que algum tema ou assunto seja moldado pelo professor em alguma forma. Professor, mais do que nunca o conteúdo está em suas mãos!

Palavras-chave: Escola, Pandemia, Fragilidade estética, Virtual.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michael. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANCHES, Antrifo. [Para meu pequeno mundo: improvisação em tempo de pandemia]. WhatsApp: [Grupo XXX-XXXX]. 2 abr. 2020. 16:16. 1 mensagem de WhatsApp.

---

[1] Professora Titular da Xxxxxxxxxx xx Xxxxxxxxx xx XXXXXXXXXXXX XXXXXX xx Xxxxx (XXXX). xxxxxxxxxxxx@yahoo.com.br.

[2] Doutorando em Educação XXXXX/XXXX; Professor XXXX Xxxxxxxxx Xxxxxx Xxxxxx (XX Xxxxxx). xxxxxx.xxxxx@xxxxxxxx.edu.br.

[3] Isis Ceuta, em fala durante a reunião *Isso não é uma escola XXX*, do Grupo XXX via meetjitsi.org, em 16 de abril de 2020.